

“*Eu tenho 1,74 de altura. Tenho o cabelo castanho, teoricamente ele é cacheado, mas a vida toda eu deixei ele liso e curto. Mas ele está sempre colorido, porque faz parte da minha identidade ter cabelo colorido. Olhos castanhos. Eu sempre tive muita insegurança com pelos faciais e aí eu deixei a barba crescer a partir dos 18 anos e hoje eu gosto dela cheia, despenteada e sem formato, mas sempre macia. Eu tenho ombros largos, pelo menos é o que a minha mãe sempre diz. Eu peso 116 quilos. Eu sou considerado gordo menor, então eu tenho um pouco de barriga, algumas dobras, algumas marcas que quando eu sento ficam bem realçadas. Coxas grandes. Eu nasci com os pés virados para dentro, então eu tenho desvio de quadril de grau moderado, que é uma deficiência física não muito notável.*”



Durante boa parte da minha adolescência morei em um condomínio de luxo na cidade de Cotia. Lá, quase não havia pessoas da minha idade gordas. Só eu. E, apesar de sempre ter sofrido agressões por conta do meu corpo, eu não conseguia me dar conta da violência a qual eu estava submetido até agosto de 2014, quando eu tinha 15 anos.

“Ah, essas são suas namoradas? Elas não ligam de você ser um gordão?”. Foi com essa frase que eu e duas vizinhas-amigas fomos recebidos na portaria do condomínio onde eu morei boa parte da adolescência, após eu ter voltado de um shopping. Essa fala foi dita por dois meninos que também moravam lá e que deveriam ser um pouco mais novos do que eu.

Apesar de na hora eu ter ficado confuso, porque não os conhecia, minhas amigas ficaram muito incomodadas com a situação e pediram para que eu a relatasse a equipe da portaria. Ao conversar com os funcionários, entretanto, ouvi deles que era apenas uma brincadeira de criança.

Mal a gente sabia que não era. A situação iria piorar e muito. Depois disso, eu e as meninas fomos andando e ao chegarmos no estacionamento havia cerca de 15 garotos. Alguns de skate, outros sob motos e uns a pé. Continuamos caminhando e, estranhamente, eles foram nos seguindo. Quando chegamos um pouco depois da pracinha central, esses meninos fizeram um círculo ao meu redor, as meninas foram distanciadas, e então o irmão de um ex-amigo meu ameaçou me bater. Cuspiram e me chutaram. Consegui andar mais um pouco, só que, enquanto tentava escapar, eles me perseguiram, gritavam, riam, me xingavam. Foi muito constrangedor para mim. Principalmente quando começaram a me chamar de “Teta de Polenguinho”.

Não sei como, mas consegui captar com meu celular vídeos dessa intimidação. E, quando ela terminou, fui para a casa de uma das minhas amigas — que estavam com tanto medo quanto eu, mas conseguiram me apoiar. Lá peguei o notebook emprestado, tomei coragem e resolvi expor toda a situação que tinha acabado de me acontecer no grupo dos condôminos no Facebook.

A repercussão do meu depoimento foi grande e com isso ganhei notoriedade. Algumas pessoas tiveram empatia comigo, mas esses meninos viram a minha reação como uma ofensa e, então, além de atearem bombas artesanais e ovos na minha casa, também passaram a praticar cyberbullying comigo por meio de um aplicativo chamado “Secrets”.

Mas, eu não me calei diante disso. Consegui juntar um dossiê de informações sobre todos que participaram dessas ações e fui de porta em porta para falar com os pais deles sobre o ocorrido. Se meus pais preferiram deixar o assunto para lá, como uma forma de minimizar o impacto, os responsáveis de alguns desses meninos reagiram bem intensamente. Teve mãe que, depois de tomar conhecimento, deu um tapa na cara do filho e um pai que me pediu para eu mandar as provas por email.

Durante quatro meses eu não conseguia sair na rua e se fazia isso, todas as vezes que eu via um grupo de gente, principalmente a noite, desviava o caminho e ia por alguma outra via. Além disso, até o início da faculdade falar sobre esse assunto era um gatilho.

Sempre fui inseguro com meu corpo e esse episódio ajudou isso a se intensificar mais. Entretanto, consegui me tornar mais confiante e hoje sou modelo e ativista em prol do movimento anti-gordofobia e do body positive.

Alexandre Lopes